

# OS HABITANTES MAIS ANTIGOS DO CENTRO-OESTE PAULISTA

## The Most Ancient Inhabitants of the West-Center Region of São Paulo State

Fábio Grossi dos Santos<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Graduado em História pelas Faculdades Integradas de Jaú e Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

SANTOS, Fábio Grossi dos. *Os Habitantes Mais Antigos do Centro-Oeste Paulista*. *Mimesis*, Bauru, v. 30, n. 1, p. 25-59, 2009.

### RESUMO

Tratamos nesse artigo sobre a ocupação dos grupos caçadores-coletores no centro-oeste paulista. Através da análise realizada, lançamos hipóteses sobre seu modo de vida, quando chegaram e por quanto tempo teriam habitado essa região.

**Palavras-Chave:** Caçadores-coletores. Centro-oeste paulista. Pré-história brasileira. Sítios líticos.

### ABSTRACT

We discuss in this article the occupation of the hunter-gatherers groups in central region of São Paulo State. Through analysis, we

Recebido em: 05/01/2009  
Aceito em: 03/04/2009

launch some hypotheses about their way of life, when did they arrived and how long would they have inhabited this region.

**Keywords:** Hunter-gatherers. Central region of São Paulo State. Brazilian Pre-History. Lithics Sites.

## Introdução

Seguindo a atual tendência de revisitar a História do Brasil e direcionar o foco de análise para outras questões que foram pouco discutidas, destaca-se um olhar mais atento para o Brasil Pré-Colonial. Para conhecermos a História depois da chegada de Cabral faz-se uso, sobretudo, de documentos escritos, e através deles obtemos informações sobre tal período. Contudo, a fase que precede esse momento, ou seja, a época em que os europeus ainda não tinham entrado em contato com terras brasileiras, não dispõe dessa fonte. Assim sendo, devemos considerar que para se estudar o passado seja necessário discutir duas questões: as fontes históricas de que dispomos e as teorias sociais que podemos agenciar na interpretação delas. Quanto ao estudo das sociedades podemos usar uma variedade de modelos sociológicos ou antropológicos (FUNARI & CARVALHO, 2005). Entretanto, o único testemunho que temos sobre os povos que habitaram essas terras, é o de sua cultura material. Nesse caso, o meio mais seguro para se conseguir extrair algum tipo de informação é o estudo arqueológico. Vale ressaltar aqui, que entendemos por “cultura material” todo e qualquer objeto produzido pelas sociedades humanas, considerando também os testemunhos de sua cultura que possam ter deixado, como escrituras e grafismos em rochas (blocos, paredões de abrigos, etc.) ou paredes, edificações de qualquer gênero, e toda a apropriação da natureza que se dá sempre nos quadros de uma determinada organização social com um potencial produtivo definido (FUNARI, 1988). E o objetivo principal do estudo dessa cultura material é compreender seu produtor, ou seja, o homem e seu comportamento. Para isso, devemos entender o conceito de Cultura. O termo Cultura, pelo menos como é utilizado atualmente, foi definido pela primeira vez por Edward Tylor, que pelo vocábulo inglês “culture”, considera que, “*tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos,*

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos  
do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

*crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR, 1871).*

O estudo das populações ameríndias faz-se extremamente necessário, visto que nos deixaram um legado considerável, que hoje faz parte da cultura brasileira, e compreendê-los melhor ajudará a nos entender um pouco mais. Essa é a importância de conhecer o passado, pois:

a postura que adotamos com respeito ao passado, quais as relações entre passado, presente e futuro não são apenas de interesse vital para todos: são indispensáveis.(...) Os historiadores são o banco de memórias da experiência. Teoricamente, o passado – todo o passado, toda e qualquer coisa que aconteceu até hoje – constitui história...O que a história pode fazer é descobrir os padrões e os mecanismos da mudança histórica em geral, em lugar de previsões e esperanças, é isso que é diretamente relevante para a sociedade contemporânea e suas perspectivas (HOBSBAWN, 1998).

Reforçamos essa idéia com Vavy Pacheco Borges ao afirmar que “*a função da História, desde seu início, foi a de fornecer à sociedade uma explicação sobre ela mesma*” (BORGES, 1993:49). A partir dessa perspectiva, tentamos resgatar um momento de nossa História que por muitos passa despercebido, mas que merece atenção especial por tratar-se dos primeiros colonizadores do continente americano e também, por que não, indiretamente, nossos ancestrais. Afinal, o povo brasileiro é fruto da miscigenação, que:

ocorreu desde os primeiros momentos da conquista. Brancos e índios geraram mamelucos em Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e sobretudo São Vicente, no século XVI. No século XVII o mesmo se verificou no Estado do Maranhão, bem como nas demais capitanias” (WEHLING e WEHLING, 1999:228).

## O Povoamento das Américas

Para entendermos um pouco essa dinâmica, devemos aprofundar um pouco os conhecimentos a respeito do povoamento do continente americano e os primeiros povos a habitarem essas terras. A teoria até agora consagrada sobre a chegada do homem na América é a da passagem pelo estreito de Bering. Lugar que teria atravessado seguindo as grandes manadas de animais que migravam em busca de alimentação. Essa passagem foi possível com a formação da Berin-

gia<sup>2</sup>. No entanto, nem sempre ela era possível por conta das grandes formações glaciais que impediam o acesso para a América. Somente quando as formações glaciares recuavam, formando o “Ice-free-corridor”<sup>3</sup> é que a entrada se tornava possível, e a última vez em que esse fenômeno ocorreu foi entre 20.000 e 13.000 anos atrás.

Sabe-se, até agora, que os primeiros povos que ocuparam o Brasil – já *Homo sapiens sapiens* – foram os paleoíndios. Estes ocuparam as Américas antes de 10.000 anos A.P.<sup>4</sup>, podendo ir até 50.000 anos A.P., assim como demonstram as pesquisas realizadas no Sítio Boqueirão da Pedra Furada no Piauí. O primeiro sítio escavado profissionalmente no Brasil, na década de 1970, que mostrou evidências de que esses homens pleistocênicos poderiam estar na América antes de 11,4 mil anos - contrariando a teoria Clovis-first<sup>5</sup> - foi o Lapa Vermelha IV em Minas Gerais, escavado por Anette Laming; o mesmo sítio onde foi encontrado o esqueleto de Luzia, que gerou a data de 11,5 mil anos. Ainda nesta década, na Colômbia, vários abrigos sob rocha escavados por Gonzalo Correal, nas cercanias de Bogotá, forneceram datas pré-clovis, algumas por volta de 12 mil anos, como no caso dos sítios El Abra e Tibitó. Na Argentina, o Sítio Piedra Museo, escavado por Laura Miotis, da Universidade Nacional de La Plata, também alcançou níveis - supostamente antrópicos - datados de cerca de 12 mil anos. Mas para esses últimos sítios a falta de recursos possibilitou poucas datações, o que compromete a aceitação dessas idades. Essas datas mais recuadas, especialmente as do Piauí, são ainda muito discutidas por tratar-se de fatos isolados, todavia, elas têm instigado mais estudos, e por conta disso, a partir da década de 1990 começam a aparecer várias datas consideradas “pré-clovis”. Assim, surgem sítios como o Abrigo Pedra Pintada, no Pará, com 11,3 mil anos, estudado por Ana Roosevelt; Monte

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos do Centro-Oeste Paulista*.  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

---

2 Faixa de terra que emergiu entre o Alasca e a Sibéria durante os períodos de glaciação.

3 Corredor livre de gelo

4 AP = Antes do Presente.

5 Cultura Clovis foi a cultura material produzida por uma população que dispunha de uma tecnologia de fabricação de pontas de flecha (ou lanças) bastante desenvolvidas, caracterizadas por uma estria ou canaleta criada pela remoção de uma lasca da superfície mais baixa, em uma ou ambas as faces. Essa cultura é datada entre 11.500 e 10.500 anos, e até pouco tempo considerada como representante das primeiras populações a entrar no continente americano, sendo essa teoria norte-americana pouco questionada. Por isso o termo “Clovis-First” (DE BLASIS, P.D. Brasil 50 mil anos: uma viagem ao passado pr-e-colonial. Guia temático para professores, MAE/USP).

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos  
do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

Verde no Chile, escavado por Tom Dillehay, com 13 mil anos, além de outra data para o mesmo sítio de 33 mil anos – contudo, essa é questionada pelo próprio autor (ARAÚJO, 2004, GUIDON, 2005). Também temos o sítio Old Crow no Alasca, com 14 mil anos, o sítio Taima Taima, famoso sítio venezuelano de megafauna, onde foram encontrados fragmentos de pontas raras em forma de folha de ouro, com datações entre 14.400 e 11.900 anos. No Peru, existem numerosas datações radiocarbônicas para sítios com pontas triangulares, outros instrumentos e restos de fauna e flora modernas entre 11 mil e 7.100 anos A.P. nos altiplanos, e entre 10.400 e 7.700 na costa. Importantes enterramentos foram recuperados em sítios relacionados à cultura Paijan da costa norte, com datações de 11 mil e 9 mil anos. Há ainda Valsequillo no México, com data de 29.000 anos e mais recentemente o sítio Topper, na Carolina do Sul, Estados Unidos, onde as escavações realizadas pela equipe chefiada por Albert Goodyear permitiram descobrir, em 2004, datações com mais de 16 mil anos. A cerca de 2 metros abaixo da camada da qual havia vestígios da cultura Clovis, foram encontrados utensílios de pedra lascada e carvão, o qual, analisado pela técnica do carbono 14 forneceu resultados de 50.300 e 51.700 anos. Segundo Niède Guidon, tais sítios parecem indicar que houve uma primeira migração de *Homo sapiens* vindo da Europa ou da África, isso por estarem mais próximos do oceano Atlântico, fato que, se comprovado atestaria que o Estreito de Bering não foi a única via de entrada no continente (2005). No Brasil central, no Estado de Mato Grosso, o sítio Santa Elina também revelou uma datação de 25.000 anos A.P. Foi ainda um dos poucos casos na América do Sul (acanhados exemplos na Terra do Fogo, na Patagônia, na Sabana de Bogotá e no norte da Venezuela), primeiro e único no Brasil onde se comprovou a co-existência entre o homem e a megafauna<sup>6</sup>, pois no último estrato da escavação foram encontrados restos faunísticos com nítidas intervenções humanas: um agrupamento de osteodermos de *Glossotherium Letsomii* (preguiça gigante) com marcas de fratura por aquecimento e 2 osteodermos com faces abrasadas, dando-lhes uma simetria e apagando as características típicas e diferentes de cada face do osteodermo. (VIALOU, 2005).

---

6 Animais de grande porte como o *Megatherium* e *Glossotherium* (preguiça gigante) e *Smilodon* (tigre-dentes-de-sabre). Habitaram a América até a época do ótimo climático, quando o clima mudou de mais frio e seco para mais quente e úmido. Os cerrados foram dando lugar as matas tropicais, e assim, os animais de menor porte foram ganhando mais espaço.

## Caçadores-Coletores

Esses povos pioneiros eram sociedades caçadoras-coletoras, compostas por grupos, com média de 25 pessoas, que viviam basicamente de caça, pesca e coleta de alimentos silvestres, e por isso eram, em geral, nômades – sem avançar aqui, nas discussões acerca de nomadismo, sedentarismo e semi-nomadismo. Embora essa seja uma descrição simplista desses grupos e bastante debatida, é a que mais tem sido usada para ilustrá-los. O principal testemunho dessas sociedades é o material lítico, ou seja, a rocha lascada, seu principal utensílio, podendo ser usada como furador, percutor, machado, ponta de projétil (flecha, lança, dardo), dentre outros. Mas em alguns casos também podemos encontrar artefatos feitos em ossos, chifres e conchas, além da arte rupestre.

No período de 12.000 anos A.P. essas populações já se encontravam espalhadas pelo território brasileiro, isso é o que nos mostra a grande incidência de sítios apontando essas datas. Há mais ou menos 10.000 anos atrás grandes mudanças climáticas globais ocorreram, mudando de forma drástica o ambiente no Brasil e fazendo com que as sociedades paleoíndias também se modificassem. Os grandes mamíferos e as grandes manadas deixaram de existir, e a nova paisagem que se instalava deu lugar a novos grupos de caçadores-coletores que se adaptaram as mudanças, refletindo isso em sua cultura material. Assim percebe Pallestrini<sup>7</sup> (1987), pois para ela o homem pré-histórico instalou-se de diferentes maneiras em espaços favoráveis à sua economia, seguindo padrões culturais que se desenvolveram e criaram suas especificidades ao longo do tempo. A ocupação de um determinado espaço habitacional, segundo a autora, decorre de uma habilidade de escolha junto ao meio natural. Este meio selecionado é escolhido através de uma série de operações decorrentes das necessidades da espécie.

Com os dados de que dispomos hoje, ainda é difícil precisar quando e como os homens entraram na América, assim como quem eram os primeiros americanos. Até pouco tempo acreditava-se, a partir dos estudos dos indígenas atuais, que estes tinham afinidade genética com populações mongolóides do extremo oriente. Entretanto, os achados de restos humanos mais antigos – entre 10.000

7 Observar artigos de Luciana Pallestrini intitulado “O Cenário de sete mil anos”, publicado em *Ciência Hoje*, SBPC vol.4 nº19 e o artigo “O espaço habitacional em pré-história brasileira” publicado na *Revista do Museu Paulista*, vol. XXV.

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos do Centro-Oeste Paulista*.  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos  
do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

e 12.000 anos - parecem indicar que houve outra leva de colonizadores. Esses primeiros grupos teriam maior afinidade com uma população proto-australóide, que vivia na Ásia, e da qual sairia um grupo que ocuparia a Austrália dando origem aos aborígenes australianos, enquanto outro ramo seria o primeiro a ir para a América. Para Walter Neves e Luís Beethoven Piló, esses grupos – a raça de Luzia - teriam chegado ao Novo Mundo antes de 11,4 mil anos, mas não muito antes. Seguindo a idéia de Anna Roosevelt, eles teriam chegado em torno de 13 e 14 mil anos atrás (2008). Astolfo Araújo concorda com a essa visão, contudo, não descarta que esse advento possa ter se dado bem antes, e ainda, da mesma forma que Walter Neves, conclui que a colonização se deu de forma bastante rápida, pois ambos acreditam ser muito mais plausível que essa expansão tenha ocorrido de forma mais ampla por vias costeiras e não pelo interior como vem se afirmando. Em estudos paleoambientais, os pesquisadores têm comprovado que no litoral, além das faixas contínuas de terra, mais fáceis de seguir caminhando, ou mesmo pela navegação de cabotagem, o clima era bem mais ameno que o interior. Este, ainda, oferecia uma série de dificuldades de relevo e vegetação para ser transposto. Para dar suporte a essa teoria, a existência do suposto corredor livre de gelo também vem sendo questionada e os sítios mais antigos da América do Norte não se encontram nessa área e sim, na parte mais leste do mesmo continente (ARAÚJO, 2004).

Finalizando, por volta de 4.000 anos atrás essas sociedades caçadoras-coletoras já tinham consolidado sua ocupação nos quatro cantos do que viria a ser o Brasil, e desenvolvendo características distintas, contribuíram para a grande variedade cultural das sociedades indígenas americanas.

## **As pesquisas sobre os Caçadores-coletores no Estado de São Paulo (Excetuando o Litoral)**

Sobre os estudos das sociedades Caçadoras-coletoras no Estado de São Paulo, verificamos que a pesquisa voltada a esse tema chama a atenção dos profissionais a partir da década de 1960 (GUIDON, 1964; SILVA 1967 e 1968; PALESTRINI, 1968, MILLER, 1968, 1969). Em 1964, a equipe de Arqueologia do Museu Paulista, sob a coordenação de Niède Guidon, realizou pesquisas no vale do

Rio Pardo e Mogi-Guaçu. As prospecções resultaram na localização dos sítios arqueológicos Fazenda Ribeiro e Jataí, sendo ambos caracterizados pela presença de material lítico. Em 1968, a mesma instituição, liderada pela arqueóloga Luciana Pallestrini dá início ao Projeto Paranapanema que revelou perto de 12 sítios arqueológicos, especialmente em torno da região polarizada de Piraju. A maioria dos sítios encontrados foi classificada como “lito-cerâmicos colinares do interior”, contudo dentre eles estão presentes alguns líticos, dos quais 3 – Almeida, Camargo e Brito - contam com descrições mais detalhadas da indústria lítica. Ainda nessa década, começa a ser estudada a região de Rio Claro, onde supostamente estão os sítios arqueológicos mais antigos do Estado. Na verdade, desde 1959, Altenfelder Silva, então professor da Faculdade de Filosofia e Letras de Rio Claro, inicia com seu assistente, Tom O. Miller Jr., prospecções na área. Dando continuidade às pesquisas (BECKER, 1966; SILVA, 1967 e 1968), Tom O. Miller Jr. desenvolveu estudos na Bacia de Rio Claro. O arqueólogo identificou inúmeros sítios arqueológicos que foram associados às tradições Ipeúna e Rio Claro e às fases Monjolo Velho, Santo Antônio e Marchiori. A Tradição Ipeúna foi reconhecida como a mais antiga, situada em paleopavimentos ou em terraços fluviais, correspondendo à populações adaptadas a vida florestal. A Tradição Rio Claro foi associada às populações adaptadas às atividades de caça em ambiente de estepe ou savana, localizadas nos baixos terraços e nos solos recentes. A datação mais antiga obtida para a chamada “Tradição Rio Claro” foi de 5.330 a 5.140 A.P. Mas é a partir das décadas de 1970 (MILLER 1972; BELTRÃO, 1974 e 2000; UCHÔA e GARCIA, 1976) e 1980 (PALLESTRINI e MORAIS, 1982 e 1983; UCHÔA e GARCIA, 1988) que as pesquisas são feitas com mais intensidade, de forma sistemática. A análise do material do sítio Alice Böer e da coleção Gualter Martins identificado em 1965 por Maria C. Beltrão levou a pesquisadora a propor dois horizontes culturais, sendo o mais antigo, pré-ponta de projétil e o segundo, mais recente, caracterizada pela presença das pontas de projétil, vinculadas a grupos caçadores. Assentado em um terraço fluvial e com uma estratigrafia de 4 metros, este sítio foi datado por termoluminescência (TL) e C14, apresentando datas entre 2.190 +- 185 A.P. e 11.000 +- 1.000 A.P. (por TL) e 14.200 +- 1.150 A.P. no nível 10 (por C14; vide BELTRÃO *et al.*, 1983). Tais datas dividiram a comunidade de arqueólogos do Brasil. Muitos não aceitaram tal antiguidade para o Homem na América do Sul, afinal, na

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.



SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos  
do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

época em que foram divulgadas, as idades do Alice Bôer colocariam o sítio como contemporâneo a Clovis, nos EUA, com uma indústria lítica nada similar. A data mais antiga, obtida por rádio-carbono pode ser questionada devida sua relação indireta entre o carvão datado e o material arqueológico, e pela abundância de evidências de bio-turbação na estratigrafia do sítio. As datas obtidas por TL, porém, são bastante confiáveis por se relacionarem às próprias peças líticas com alteração térmica, não dependendo de argumentos de ligação e tornando, portanto, irrelevantes as questões de perturbação estratigráfica. Dado o estado de conhecimentos atuais com relação às idades de alguns sítios pleistocênicos no Brasil, pode-se aceitar sem problemas que Alice Bôer é um sítio cuja primeira ocupação se deu em torno de 11.000 anos A.P., o que o mantém como mais antigo do Estado de São Paulo (ARAÚJO, 2001b: 135).

Cabe uma menção a atuação de Tom O. Miller Jr nessa região. Inicialmente vinculado ao PRONAPA<sup>8</sup>, Miller Jr. aos poucos se distanciou dessa linha teórica e passou a adotar procedimentos considerados hoje de vanguarda para a Arqueologia Brasileira. Com pensamentos convergentes com a literatura norte-americana, aplicando os conhecimentos arqueológicos aos estudos de Paleoambiente, também foi pioneiro na experimentação, somente hoje usada como importante ferramenta para a interpretação do registro arqueológico.

Os estudos arqueológicos se estendem por toda a década de 1980, com destaque para o programa de pesquisas arqueológicas para o médio curso do rio Tietê e vale do Rio Pardo, realizado pelo Instituto de Pré-história da Universidade de São Paulo, sob coordenação de Solange Bezerra Caldarelli e Walter Neves, seguida por Marisa Coutinho Afonso (1987). As pesquisas também se estendem para a região do vale do rio Paranapanema através dos trabalhos de Águeda Vilhena, José Luiz de Moraes (1984; 1988; respectivamente). Na região do médio Tietê e vale do Rio Pardo, em 1983, através da tese de doutorado de Solange Caldarelli, foram encontrados sítios a céu aberto de variados tamanhos e em diversas situações topográficas, nos terrenos aplainados da depressão periférica e zonas limítrofes, exibindo sempre uma indústria lítica onde o sílex é praticamente a matéria-prima exclusiva, fato esse devido à sua abundân-

---

8 Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Projeto sugerido e liderado pelos norte-americanos Betty Meggers e Clifford Evans, durante o período de 1965 a 1971.

cia naquela área. Contudo, para alguns casos, destaca-se a presença do arenito silicificado. Diferencia-se desse contexto o sítio abrigo Sarandí, cuja escavação revelou uma única camada arqueológica estratigráfica homogênea, que foi datada em 5.540 +- 120 A.P. Ainda nesse ano, José Luiz de Moraes realiza seu doutoramento, estudando o sítio Caiuby, em Santa Bárbara do Oeste. Com uma indústria lítica onde predomina o sílex, seu acervo apresenta um alto grau de elaboração, possuindo bifaces, pontas de projétil, raspadores e unifaces, finamente retocadas. As datas para esse sítio, obtidas a partir de uma estrutura de combustão associada aos vestígios arqueológicos, em idade calibrada foram de 6.230 a 6.180 A.P.

No vale do Paranapanema, o sítio Almeida, quando escavado, apresentou grande quantidade de vestígios, principalmente detrito de lascamento, onde o arenito silicificado aparece como matéria-prima predominante. Sua tipologia consiste principalmente em lascas retocadas e raspadores diversos, de grandes proporções. Características semelhantes possui o sítio Camargo, situado junto a um afloramento de arenito silicificado. As datas provenientes desses sítios giram em torno de 3.000 A.P. O sítio Brito completa esse conjunto de assentamentos pré-históricos, destacando, no entanto, sua data mais recuada de 7.020 +- 70 A.P. (VILHENA, 1984).

Em 1988, o Vale do Ribeira de Iguape, foi alvo de estudo de Paulo Antônio Dantas de Blasis. O pesquisador classifica a região como “área de transição”, valorizando suas características ambientais, de ligação entre litoral e interior, não havendo a barreira da serra do mar. Justamente por essa peculiaridade, a ocupação pré-histórica desse local teria sido marcada pelo contato entre grupos do interior e da costa. Vários sítios líticos foram identificados, revelando “*um padrão nucleado de assentamento, com um ou dois sítios de atividades diversificadas articulados a vários outros sítios menores, de atividades limitadas*” (De BLASIS, 1988, p. 130). A distribuição dos vestígios e instrumentos líticos aponta para uma tipologia funcional básica entre os sítios, sugerindo sua articulação e integração no interior de cada agrupamento, onde a maior parte das atividades está presente em um sítio central, cercado por outros sítios menores, com diferentes atividades ou menos intensas. O conjunto dessas evidências aponta claramente para a integração dos sítios no agrupamento, formalizando um assentamento conjunto, que poderia ser denominado por aldeia. A partir disso, De Blasis interpreta que esses agrupamentos representam “*um assentamento integrado em*

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos  
do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

*nível de comunidade”* (De BLASIS, 1988, p. 130). Para reforçar sua hipótese, o arqueólogo compara a disposição dos sítios arqueológicos com os assentamentos rurais existentes na atualidade. Apesar de grupos tão distantes no tempo, e de modo de vida distintos, os assentamentos rurais estão dispostos quase que da mesma forma que os pré-históricos. Isso ressalta, segundo o autor, a imposição que faz o meio para os grupos humanos que lá se instalam. Os sítios líticos, por sua vez, estariam associados a caçadores-coletores provenientes do planalto meridional brasileiro e a época de sua proveniência, devido à ausência de datações, é incerta. Analisando as características do material lítico, que estaria associada a caçadores-coletores do holoceno, o período de ocupação desses grupos poderia ter se dado em um tempo máximo de 8.000 A.P. e mínimo de 2.000 A.P. Interessante notar para esse conjunto de sítios líticos, associados aos caçadores da região sul do Brasil, é que, diferente do que até então se supunha, os assentamentos do médio Ribeira ocupam uma região densamente florestada e ecologicamente homogênea, e o padrão de sua distribuição espacial sugere, inclusive, a possibilidade de assentamentos permanentes. A causa disso, segundo De Blasis, seria o reflexo de uma migração tardia, relativamente recente:

provocada pela ocupação do planalto por grupos horticultores, que teriam empurrado para as zonas periféricas das grandes bacias hidrográficas (incluindo o médio Ribeira) os pequenos grupos remanescentes de caçadores, possivelmente refratários a mudanças em seu estilo de vida milenar (De BLASIS, 1988, p. 155).

Com as pesquisas do PRONAPA (1965-1971) soma-se o número dos sítios arqueológicos destinados ao material lítico. Entretanto, esse projeto destinou uma atenção maior aos sítios cerâmicos, não aprofundando assim os conhecimentos acerca dos caçadores-coletores (CALDARELLI, 1983; DIAS, 2003), e ainda, o modelo “pronapiano”, pautado no modelo Histórico-cultural, onde a análise dos sítios tinha como fim enquadrar suas coleções dentro de tradições, sub-tradições e horizontes (LANATA e BORRERO, 1999) não enfatizava temas como os padrões de assentamento, as relações entre eles e, no caso do material lítico, uma análise voltada ao entendimento da cadeia operatória, que destaca a tecnologia e não a tipologia.

O número de pesquisadores engajados foi insuficiente para que se pudesse obter as informações necessárias que possibilitassem a criação de um panorama da ocupação caçadora-coletora e da implan-

tação dessa classe de sítios no Estado de São Paulo. Destacamos desse contexto o trabalho de Solange Bezerra Caldarelli (1983), que fugindo desse padrão vigente na época, buscou um foco mais interpretativo, direcionando-se por meio de estudos etno-arqueológicos para o auxílio na compreensão dos produtores dos artefatos arqueológicos.

Com o advento da Arqueologia ligada aos estudos de impacto ambiental, o número de sítios arqueológicos identificados no Estado de São Paulo aumenta substancialmente. A partir da ação de empresas privadas, vários estudos se iniciam através dos licenciamentos ambientais e têm continuidade, muitas vezes, pelo aproveitamento de trabalhos acadêmicos. Dessa forma, sítios de relevância aparecem. A exemplo disso, em 1997, em um trabalho realizado pela empresa Documento Antropologia e Arqueologia (2003), no município de Mogi Mirim, foi identificado um importante sítio lítico, denominado Bela Vista 1. Sua indústria lítica caracterizou-se pela predominância do sílex como matéria-prima, a presença de pontas de projétil, e diversos instrumentos ativos. A datação de carvões, realizada por C14, forneceu a idade máxima de 9.540 A.P. Dando continuidade aos trabalhos, a empresa Zanettini Arqueologia (2005) identificou nas cercanias mais dois sítios líticos, denominados Bela Vista 2 e Bela Vista 3. Também, no ano de 1997, na cidade de Ouroeste, às margens do Rio Grande, divisa com Minas Gerais, dois pescadores encontraram, por acaso, ossadas humanas, depois de avistarem uma área onde havia caído uma árvore nas margens do rio Grande, próximo da Usina de Água Vermelha, comandada atualmente pela empresa AES Tietê. O material despertou tanta atenção que uma equipe de arqueólogos, comandada por Paulo De Blasis e Erika Marion Robrahn-González da USP foi chamada ao local para fazer os primeiros estudos. Por conta da riqueza do material coletado, construiu-se o Museu Água Vermelha para abrigá-lo. Os materiais em exposição retratam ocupações de quatro civilizações que viveram na região em diferentes épocas, sendo a mais antiga, encontrada no sítio Água Vermelha 3, datada por C14 – as ossadas foram datadas – em mais de 9.000 anos antes do presente (9ª SR/IPHAN/SP e ZANETTINI, 2010).

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos  
do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

## A região Central do Estado de São Paulo: panorama etnográfico e histórico das pesquisas arqueológicas

Sobre a ocupação humana pretérita dos “Campos de Aracoara”, podemos compreendê-la melhor, atualmente, por meio de algumas fontes históricas de cronistas e viajantes. Embora para a época pré-contato só tenhamos as fontes materiais como testemunho dos encontros e confrontos étnico-culturais ocorridos na região, as fontes históricas podem fornecer subsídios para o panorama etnográfico da região em tempos remotos, na medida em que admitimos continuidades e descontinuidades no modo de vida indígena no pré e no pós-contato com a sociedade ocidental.

Até o século XVIII, a região de Araraquara não havia recebido grande atenção de colonos, por ser considerada um “sertão” de pouco valor econômico, servindo somente de passagem para os aventureiros em busca de ouro e riquezas em terras além destes sertões economicamente “inférteis”. A região, porém, não se encontrava desabitada. Nas palavras de Marcel Mano:

... O planalto ocidental paulista poderia ter facilmente servido como região de intenso tráfego de elementos culturais, via de escoamento e corredor de influências porque sitiado, a um lado, pelas serras de Piratininga e o litoral atlântico; por outro pela região do Chaco que se forma a oeste da bacia do Paraná; ao norte pelos campos e matas do Brasil central; e ao sul pelos campos férteis do Paraná e os pampas (...) cada uma dessas áreas geográficas ocupada por populações indígenas culturalmente diferentes – Guarani (Mbia e Nhandeva), Tupi, Guaicuru-Mbaia, Aruak, Jê, entre outras... (MANO, 1998, p.25).

Esta diversidade étnica é atestada pelo desencontro de informações nas fontes históricas, concernentes à afiliação linguística dos grupos que foram encontrados na região. Os vestígios arqueológicos encontrados em cidades como São Carlos, Ibaté, Rincão, Rio Claro e Ibitinga, podem apresentar, em conformidade com esses documentos, indícios desta ocupação heterogênea da região, porém, não há, ainda, subsídios para elaborar teses sobre a ocupação da região.

Pelos textos históricos, em linhas gerais, os Campos de Aracoara parecem ter sido palco de ocupação dos Guaianás (Guanhanã, Goianases, Goanhanaz), de língua Jê, porém, não os únicos senhores

destas terras. Outras fontes também citam o povo Tupiniquim (língua Tupi), Bororo, Xavante e Caiapó (Jê), Carijó (Guarani), dentre outros.

As informações arqueológicas existentes sobre a área de inserção do presente artigo referem-se a estudos realizados na região de Rio Claro e na bacia do Rio Corumbataí por professores da antiga FFCL de Rio Claro, na década de 1960; pesquisas realizadas nas grutas e abrigos sob rocha, localizados na frente escarpada das cuestras, pela Sociedade Brasileira de Espeleologia, no início da década de 1980. Levantamento efetuado nas bacias dos rios Jacaré-Pepira e Jacaré-Guaçu para a APA de Corumbataí, no final da década de 1980 e pesquisas pontuais realizadas pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP nos municípios de Dois Córregos e Brotas e no traçado do Gasoduto Bolívia-Brasil, na década de 1990; além de outras pesquisas de Arqueologia de Contrato/Preventiva que vêm se intensificando a partir da última década.

A primeira intervenção ocorrida na região araraquarense se deu somente no início da década de 1970, envolvendo o salvamento arqueológico emergencial em um sítio cerâmico relacionado à Tradição Tupiguarani, localizado na Fazenda Bom Retiro, município de Rincão. Dele foram extraídas duas urnas funerárias com decoração geométrica pintada, uma delas, atualmente exposta no Museu Histórico e Pedagógico “Voluntários da Pátria”/Araraquara. Segundo informações, o outro artefato integrou o acervo do Museu Paulista-USP. Para este primeiro trabalho, uma equipe do Museu Paulista foi acionada. Os trabalhos foram coordenados pela arqueóloga Luciana Pallestrini que descreveu sucintamente o contexto dos achados:

...à primeira vista o tipo de sítio é, segundo características já conhecidas, correspondente a aldeias pré-históricas situadas quase no ápice da colina, com rio em sua base, apresentando vestígios de restos de choupanas e enterramentos em seu interior (citada in Polezze, 1972).

A partir de então se observa um hiato temporal de praticamente duas décadas. Em 1998, o arqueólogo Paulo De Blasis apresentou o relatório final do Programa de Salvamento Arqueológico ao longo do traçado Bolívia-Brasil (GASBOL), na porção referente a sua passagem no Estado de São Paulo, indicando ocorrências no trecho Paulínia/Rio Paraná, interessando-nos as menções feitas para as imediações de São Carlos.

No município de Ribeirão Bonito, foi registrado um sítio histórico, constituído por refugio provavelmente associado à unidade

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos  
do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

habitacional de período relativamente recente (primeira metade do século XX). Em Ibitinga foi localizado o sítio Jacaré, apresentando material cerâmico Tupiguarani (De BLASIS 1998, p.22).

Em 2000 e 2001, outros dois trabalhos de levantamento arqueológico foram realizados na região. O primeiro, sob a responsabilidade de Solange Caldarelli, intitulado *Levantamento arqueológico na faixa de domínio da duplicação da Rodovia SP 255: km 2,8 a 50*, assinalou a existência de sítio arqueológico no município de Guatapará. O segundo relatório, de autoria de Robrahn-González & Zanettini, intitulado *Programa de levantamento e resgate arqueológico – Fábrica da EMBRAER*, conduziu a localização de sítio fora da área do empreendimento, no vale do Rio Jacaré-Guaçú, bastante alterado (município de Gavião Peixoto). Ainda no ano de 2001, por conta da implantação da Usina Hidrelétrica Duke 1, no município de Pederneiras, foi resgatado, pela empresa Documento Antropologia e Arqueologia, o sítio lítico Pederneiras I. No “*Programa Arqueológico Gasoduto Araraquara/Norte – Trecho Boa Esperança do Sul – Araraquara, Estado de São Paulo*”, foram identificados três sítios líticos que foram resgatados em 2003 pela empresa Zanettini Arqueologia. Desses três sítios, dois deles (o BES II e BES III) são alvos de maior atenção para a análise em pauta.

Sobre o município de Jaú temos, em seu museu municipal, algumas coleções com origens da própria cidade, também de Itapuú e da região dos Três Rios, em Dois Córregos. Município este, onde há ainda o Sítio Lítico Três Rios, que originou a dissertação de mestrado de Andrea Lourdes Monteiro Scabello (1997). Tal sítio foi identificado pelo Projeto Oeste Paulista de Arqueologia do Baixo e Médio Vale do rio Tietê, iniciado na década de 1970, que detectou além deste, sítios lito-cerâmicos em Barra Bonita, Arealva e Ibitinga.

Em 2003 foram identificados, através de peritagem arqueológica para implantação de Aterro Industrial, os sítios Bocaína I e II, ambos líticos (9ª SR/IPHAN/SP).

Em 2004, trabalhos de levantamento arqueológico, por conta de duplicação de rodovia, detectaram mais dois sítios líticos na região central do Estado, os sítios Brotas e Bauru. Mais recentemente, em 2005, outro sítio, que também é foco de análise do presente trabalho, foi salvo pelo projeto “*Resgate do Sítio Arqueológico Dois Córregos, município de Dois Córregos*”, e ainda no mesmo ano, em prospecção arqueológica para Linha de Transmissão 525 Kv Londrina (PR) – Araraquara (SP), foram identificados os Sítios Boraceia

I e II, sendo o primeiro cerâmico e o segundo lítico. Todos esses trabalhos foram realizados pela Scientia Consultoria Científica. No mesmo ano, mais uma vez em Gavião Peixoto, foi resgatado pela mesma empresa, por projeto para a CPFL, o sítio lítico homônimo deste município. Também foi encontrado no município de Jaú em 2005 um sítio lítico, pelo projeto “*Estudos Arqueológicos na Bacia Hidrográfica do Rio Jaú*” com portaria liberada pelo Iphan<sup>9</sup>. No ano de 2007, por sua vez, em prospecções arqueológicas para a ampliação da linha de Transmissão 138 Kv, nos trechos Bariri-Barra Bonita, foram identificados dois sítios líticos, um no município de Jaú e outro em Itapuí (SCIENTIA, 2008). Complementam-se a esses dados algumas informações de cunho histórico<sup>10</sup>. Por fim, o trabalho de doutoramento de Solange de Oliveira Nunes Schiavetto, finalizado no início de 2007, onde, na etapa de levantamento, publicada em forma de artigo na Sociedade de Arqueologia Brasileira, detectou sítios cerâmicos, líticos e lito-cerâmicos, além de indícios esparsos nos municípios de Rincão, Américo Brasiliense, Boa Esperança do Sul, Araraquara e Ribeirão Bonito.

A grande maioria dos sítios arqueológicos registrados na área desse estudo refere-se a sítios líticos a céu aberto, ou seja, sítios arqueológicos onde os vestígios consistem em artefatos de pedra, confeccionados pela técnica do lascamento. São sítios, em geral, pouco densos e dispersos, denunciando assim, o modo de vida caçador-coletor. Quer dizer, pequenos grupos em constante movimento pela região.

## Sítios Líticos no Centro-Oeste Paulista

Através do panorama acima apresentado, juntamente com uma breve análise dos sítios líticos e ocorrências identificadas na região central do Estado de São Paulo, e os subsídios de bibliografia espe-

9 Portaria nº421 publicada no diário oficial de 29/12/2005, com apoio institucional do Museu municipal de Jaú.

10 Temos o relato de memorialista que em sua obra “Jahu em 1900” ao se referir sobre as monções que passavam por Jaú (na época Potunduva), no período em que estas terminaram, “*seçou por consequencia avenda e exportação dos generos coloniaes de potunduva, e porisso dezampararam os colonos aquéla paragem fértil, porem emfestada de selvagens*” (TEIXEIRA, 1900). Ainda encontramos a informação de que na década de 1840, “*com a notícia espalhada em Brotas da Fertilidade do vale do rio Jaú e a retirada dos índios Coroados para a outra margem do rio Tietê, organizou-se uma caravana de aventureiros com o fim de abrir uma estrada e tomar posse das terras devolutas*” (IBGE, 1966).

SANTOS, Fábio Grossi dos. *Os Habitantes Mais Antigos do Centro-Oeste Paulista*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1, p. 25-59, 2009.



SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos  
do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

cializada; desenvolvemos hipóteses sobre a ocupação caçadora-coletora nesse território. Cabe destacar que para essa análise usamos como referência de comparação os Sítios Líticos BES II, BES III e Dois Córregos.

Esses três sítios analisados mais detalhadamente foram selecionados como referência porque apontam para a diversidade de ocupação de espaço dos grupos caçadores-coletores: alto de colinas, médias vertentes de colinas e próximo a leitos de rios. Os três sítios estão localizados próximos a afloramentos rochosos e cascalheiras, deixando claro um dos motivos da escolha do assentamento: a proximidade com a fonte de matéria-prima para a confecção de suas ferramentas, nesse caso, a rocha. Embora uma ocupação topograficamente diversificada também possa estar relacionada a problemas sazonais, tendo os pontos mais altos sendo ocupados durante a época de chuvas, fora do alcance de inundações (CALDARELLI, 1983, p. 287).

O Sítio Dois Córregos está implantado em uma média vertente de colina, o que lhe promove uma boa visão da área circundante. Há em sua área veios, onde afloram o basalto e arenito silificado, e de onde os habitantes pré-históricos tiraram proveito. Não foi realizada para esse sítio, datação, sendo que suas condições não permitiam.

Os sítios BES II e III estão implantados respectivamente, no terraço aluvial do rio Jacaré-Guaçu e em alto de colina. Contudo, os dois estão localizados no que se chamam Terras Baixas do Jacaré-Guaçu. No Sítio BES II, praticamente do lado do rio, os homens pré-históricos se valeram das cascalheiras para obter a fonte material de confecção de suas ferramentas. Um grande destaque para esse sítio é a datação obtida, através da técnica de Luminescência opticamente estimulada (LOE), de 14.500 +- 3.000 anos A.P. Devemos considerar, contudo, que foi coletada apenas uma amostra para datar, e essa idade recuada aponta, a princípio, para a necessidade de mais estudos a fim de que tal antiguidade seja de fato confirmada ou não.

No sítio BES III, por sua vez, aproveitou-se do afloramento rochoso de arenito silificado e basalto. Foi obtida para esse assentamento a data de 4.500 +-600 A.P., também pela técnica de LOE. Se considerarmos essa idade para a ocupação do sítio, temos um grupo habitando uma região que passava pelas transformações do ótimo climático (AB'SABER, 1977). E pode ter sido nessa época também que se formou o afloramento rochoso do qual se valeram os lascadores que por ali passaram. Tal afloramento não é parte de um veio de derramamento basáltico que cobriu o arenito, dando-lhe si-

lica, e tampouco é parte de um morro residual ou algo assim. Parece tratar-se de grandes clastos que foram carregados (e não rolados, pois não são seixos) por forças originadas de grandes mudanças climáticas – por isso a idade desse afloramento pode estar de acordo com a data do ótimo climático - de zonas mais altas, as chamadas terras altas de Araraquara ou Rampas e Patamares Transicionais.. Foram carregadas até as terras baixas do Jacaré-Guaçu e aí se acomodaram, tornando-se estáveis e acumulando sedimento. Sobre esse sedimento foi depositado o produto de lascamento dos homens pré-históricos que por ali passaram.

Percebemos ainda, a diversidade de assentamentos, que indicam sistemas de sítios, onde cada um teria uma função, como habitação, oficina de lascamento, acampamento de caça, etc. Poderíamos ilustrar essa situação através de estudo etnoarqueológico de Gould (1980) citado por Solange Caldarelli, em trabalho com aborígenes australianos na localidade de Tikatika. Ele:

descreve uma área de habitação composta por cinco áreas residenciais, três delas maiores, ocupadas por três famílias nucleares e duas delas menores, ocupadas respectivamente por um solteiro e uma viúva. (...) Incursões para procura de alimentos, durante o dia, levavam tanto homens quanto mulheres a pararem em acampamentos onde algumas atividades eram desenvolvidas, tais como cocção de alimentos e preparo e reavivagem de artefatos. (...) O que diferenciava os acampamentos das habitações era muito mais a quantidade que a diversidade de vestígios remanescentes (1983, p. 290).

Nos três sítios estudados vemos essa situação. E se ampliarmos o escopo e fizermos uso de mais sítios líticos como exemplo, esse padrão se torna ainda mais claro. Aliás, para se afirmar isso, na verdade, de fato torna-se necessário fazer uso de mais sítios, pois somente os BES e o Dois Córregos não são suficientes. Seriam talvez, se fossem contemporâneos. Mas pelo menos dois deles já sabemos que não são. Assim, buscando o enfoque regional – que é a visão com a qual trabalhamos – o panorama esboçado pela dispersão de sítios líticos na região central do Estado de São Paulo parece mostrar o mesmo padrão verificado na região de Ribeira do Iguape, ou seja, temos um padrão nucleado de assentamento, com sítios mais densos, de atividades diversificadas, associados a outros menores, de atividades restritas (De BLASIS, 1988). Além do sítio BES II e III, temos o BES I, também em alto de colina e o menos denso dos três, com um total de apenas 36 peças coletadas, todas de arenito silicificado. Próximos a eles, na região de Araraquara temos mais

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos  
do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

dois – o Córrego dos Andes e Ribeirão das Cruzes - envolvidos em ocorrências líticas. Em Itapuí foi identificado um sítio lítico (T- 51) com algumas ocorrências em suas proximidades. Não muito distante dele, no município de Jaú, temos o sítio T – 92, com grandes dimensões e instrumentos formais; e também o sítio Monte Alegre, pouco denso, com menos de 20 peças. Próximo a esse município temos Bocaína, também com dois sítios líticos identificados, ambos de pequenas proporções (Bocaína I e II). Em Botucatu temos o mesmo, com 4 sítios líticos cadastrados – Sítios BTC 22.530.573, Fazenda Edgardia I e II e Fazenda Lajeado I. Na cidade de Boracéia há um sítio lítico com instrumentos formais (Boracéia II) e no município de Gavião Peixoto, temos um sítio denso, com mais de 2 mil peças coletadas, outro menor a 120 metros de distância – Sítios Gavião I e II –, além do Sítio Remanso. Em Santa Lúcia, o sítio Rainha dos Montes ocupa uma grande área e possui diversas ocorrências em seu redor. O Sítio Dois Córregos, no município que lhe dá nome, também se caracteriza como denso, e possui ocorrências em suas imediações. Ainda em Dois Córregos, hoje em margem represada do Rio Tietê, para a represa de Barra Bonita, na região dos Três Rios, temos o sítio homônimo, denso, com 531 instrumentos e uma indústria lítica formal<sup>11</sup>. Sabemos ainda por diversas fontes orais e por contato direto com moradores da região que no mesmo local, outros sítios líticos com a mesma proporção foram encontrados (inclusive foi feito registro fotográfico). Não podemos deixar de citar também o sítio Pederneiras I, o sítio Brotas e o sítio Bauru, sendo este último, o único, juntamente com o BES II, a ter material em profundidade – nele foi encontrado material a dois metros de profundidade.

Reforçamos então, dentro desse escopo, a referência ao estudo de Paulo de Blasis (1988), já mencionada sobre a dispersão dos sítios arqueológicos: complexos menores, com sítios mais próximos uns dos outros, dentro de complexos maiores, com sítios distantes entre si, nesse caso, uma média de 50 a 80 quilômetros. Da mesma forma, há a relação entre sítios de atividades específicas com sítios de

11 Quando nos referimos aqui a instrumentos formais queremos dizer artefatos plano-convexos, incluindo para o sítio lítico Três-Rios, pontas de projétil – foram identificadas 79 ao todo. Ao se falar indústria forma, caracterizamos a confecção de instrumentos e ferramentas bem acabadas, que custaram tempo e grande energia para serem confeccionados. O oposto disso seriam as indústrias expedientes, caracterizadas por instrumentos e ferramentas não tão bem acabadas, sendo originadas com o intuito de cumprirem objetivos imediatos; ações práticas. São essas as indústrias que na verdade, mais exemplificam os grupos caçadores-coletores da região em destaque, as indústrias formais, a princípio, são minoria.

atividades diversificadas, sítios mais e menos densos. Sempre estão margeados por ocorrências, o que indica a circulação constante dessas populações dentro de seu território. Sobre esta situação podemos traçar um paralelo com os Nukak, grupo da família linguística Makú-Puinave, ou simplesmente Maku. Estão distribuídos geograficamente entre o Brasil e a Colômbia, principalmente a leste do Rio Negro, entre os rios Guaviare e Caquetá. Os Nukak ocupam um território de 10.000 Km<sup>2</sup>, com uma população estimada entre 400 e 500 pessoas, organizadas em bandos isogâmicos autônomos, divididos em várias famílias (entre duas e cinco). A composição de cada família se dá, em média, entre 12 e 44 indivíduos, caracterizando-os como os maiores grupos que co-residem entre 20 e 30 indivíduos. Cada bando é afiliado a um grupo maior denominado “Munu”. Com essa organização social, é possível compartilhar territórios, obter casamentos, realizar visitas sociais e ritualísticas. A falta de organização social, a alta solidariedade e a alta mobilidade, por conseguinte, são características dos Nukak (POLITIS, 2001 apud OLIVEIRA, 2007).

Os sítios BES estão próximos, a uma distância de mais ou menos 5 quilômetros. Próximo a eles ainda temos o sítio BES I, sítio pouco denso. Mais distante está o Sítio Dois Córregos, a 47 quilômetros. Esse padrão de assentamento verificado também está de acordo com o que conhecemos sobre os grupos caçadores-coletores, pois no que se trata de mobilidade, a literatura nos diz que eles poderiam se deslocar uma média de até 45 a 50 quilômetros por dia. Considerando esse alto grau de mobilidade, podemos visualizar que alguns poucos grupos podem ter ocupado um território muito grande. E isso é apontado pelo registro arqueológico, onde temos, para a região do centro-oeste paulista uma área densamente ocupada. Os vestígios líticos deixados por essas populações estão dispersos por largo território, evidenciando esse fato.

Contudo, é preciso lembrar que Sítio lítico não é sinônimo de caçador-coletor. Entretanto, são poucos os sítios aqui destacados que parecem oferecer dúvidas quanto a essa associação. Um número reduzido deles poderia não ser de caçadores-coletores, pois estão próximos a sítios cerâmicos, e dessa maneira, poderiam fazer parte desse sistema de sítios. Assim, quase todos apontam para populações “acerâmicas”.

As indústrias líticas de cada sítio mostram um trabalho expediente, ou seja, um lascamento simples, sem grande dispêndio de tempo na confecção das ferramentas. A grande oferta de matéria-

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos do Centro-Oeste Paulista*.  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos  
do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

-prima propiciou a obtenção de lascas grandes que sofriam retoques apenas para produzir um gume e atender uma necessidade imediata – descarnar um animal, raspar madeira, etc – e logo depois o instrumento era abandonado. Quando surgia novamente a necessidade do uso de alguma ferramenta, o lascador simplesmente produzia uma nova em pouco tempo. É constante nos sítios analisados o predomínio das lascas unipolares, com número expressivo, seguido pelos detritos de lascamento, e sendo a categoria menos expressiva a de instrumentos. Tratam-se, portanto, de indústrias líticas simples, “*com alguns poucos unifaces retocados a exaustão, algumas lascas retocadas e uma grande maioria de lascas utilizadas e brutas*” (ARAÚJO, 2001, p. 327).

O sítio BES III destaca-se por ser um assentamento de atividades restritas, onde a maior parte de seus instrumentos é composta por raspadores, ou seja, ferramentas com a funcionalidade para raspar. É um sítio de proporções pequenas, ao redor do afloramento rochoso de arenito e basalto, em uma média vertente, de onde seus ocupantes se valeram exclusivamente do arenito silicificado disponível para usar o lugar como um acampamento sazonal e desenvolver suas atividades de lascamento.

O Sítio Dois Córregos destaca-se por sua área mais ampla e maior número de material arqueológico, estando em uma média vertente. Isso evidencia um acampamento sazonal, porém, diferente do BES III, pois seu uso foi mais intenso. Um dos motivos da escolha do local do assentamento se deu pela presença de afloramento de arenito e basalto. Também ficam evidentes, dentro do sítio, as áreas de atividades distintas, corroborando para a divisão espacial do ambiente. Através da análise dos instrumentos desse sítio, temos uma incidência maior para as atividades de raspagem, e uma menor proporção para o corte. Temos assim, um sítio acampamento para atividades restritas.

O Sítio BES II é o mais diversificado. Foi assentado no terraço aluvial do Rio Jacaré-Guaçu. Um dos motivos da escolha do local de assentamento se deu pela presença, além do rio, da cascalheira, que fornecia ao homem pré-histórico, assim como nos outros dois sítios, uma rica fonte de matéria-prima para o lascamento. Possui maior número de material arqueológico, sua área é mais ampla, tanto horizontal, quando verticalmente. Aliás, esse fato mostra uma ocupação prolongada no tempo. Os níveis mais profundos possuem uma quantidade menor de material, parecendo estarem associados a grupos

menores de caçadores-coletores que se aproveitaram dos mesmos seixos, nódulos e blocos de arenito silicificado, sílex, quartzo e conglomerado, usados pelas ocupações dos níveis superiores. Temos assim, até os cinquenta centímetros de profundidade, uma maior população ou então o uso mais intenso do espaço. Qualquer das alternativas denuncia grupos de caçadores-coletores com um modo de vida não tanto nômade, ou mais populosos. As atividades realizadas nesse sítio, caracterizado como habitação, são mais diversificadas que as dos sítios BES III e Dois Córregos. Seus instrumentos sugerem atividades para raspagem, corte e perfuração (atividades que poderiam ser: raspar madeira, descarnar animais, furar couro para produção de vestimenta e também construção de cabanas). Seriam necessárias mais atividades de campo para esse sítio, de modo a entender melhor o assentamento; de preferência uma intervenção por superfícies amplas, para detectar áreas de atividades específicas, pisos de ocupação e materiais orgânicos (fibras vegetais, restos alimentares, carvão, estruturas de combustão, etc).

Comparando esses dados com os demais sítios líticos identificados na região, notamos para todo o território a predominância das indústrias líticas simples, o que não quer dizer que os grupos humanos que as produziram não possuíam complexidade em sua organização social, e sim, que poderiam não dar tanta importância para o lascamento, o tendo como atividades talvez, secundárias. Os Xetá, no Brasil, que foram estudados por Tom Miller Jr. (1979, apud ARAÚJO 1995) utilizam-se da pedra de modo pouco sofisticado, com o emprego de uma tecnologia expediente, mas que, atendia de maneira bastante satisfatória as necessidades cotidianas de seus fabricantes. A técnica preferida pelo lascador era o espatifamento, feito com repetidos golpes do percutor. Depois de obtidas as peças, o lascador separava as que mais se adequavam à tarefa em questão. Nesse caso, a preferência era pelo uso da madeira, e não da pedra. Assim, vemos que *“a atividade de lascar pode ser considerada por algumas populações como banal e utilitária, não merecendo por parte do lascador o dispêndio de mais que alguns minutos na confecção de artefatos simples e funcionais”* (ARAÚJO 1995, p. 68).

Quanto às atividades realizadas dentro dos sítios arqueológicos, evidenciadas pelos gumes dos instrumentos, destaca-se as atividades para raspagem. O maior número de instrumentos encontrados não só nos três sítios analisados, mas também em todos os outros da região centro-oeste paulista aqui citados, são os chamados pela tipologia de

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos  
do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

raspadores. Além das formas estarem de acordo com a função para raspar, os ângulos dos bordos ativos também convergem nesse sentido. Sobre isso, voltando ao caso dos últimos representantes dos Xetá do Paraná no Brasil, Tom Miller Jr., observando suas atividades de lascamento, aponta que os ângulos utilizados no trabalho da madeira estariam entre 65 e 85 graus. Em muitos casos uma única lasca pode ter vários usos, sendo usada em diferentes etapas de um mesmo trabalho (apud ARAÚJO, 1995). Vemos essa situação em outros casos como os aborígenes dos desertos do Oeste da Austrália, onde um dos principais utensílios por eles usado, denominado 'Kandi'tjuna:

resume-se a uma lasca bruta fixada na ponta de um propulsor e serve para todos os fins: cortar carne, confeccionar e aguçar dardos ou lanças de madeira, etc. O gume é reavivado sucessivas vezes por retoques feitos tanto por percussão com percutor duro, quanto por pressão, adquirindo o aspecto inicialmente de um pequeno raspador convexo e, depois, côncavo. Quando o gume encontra-se totalmente esgotado, a lasca é virada do outro lado e o processo recomeça no bordo oposto. A peça final, esgotada e rejeitada, apresenta-se como um pequeno raspador duplo côncavo, duplo convexo ou duplo côncavo/convexo, com os bordos abruptamente retocados (...). Um outro instrumento, a tula, é retocada em forma de raspador desde o início e inserida na haste do lado do talão. (...) mas nesse caso, as transformações descritas acima ocorrem apenas no bordo distal (CALDARELLI, 1983, p. 295).

O mesmo poderia ter ocorrido na região aqui estudada, onde as formas dos instrumentos descritas nos exemplos apresentados possuem semelhanças, bem como a média dos ângulos obtidos – especialmente os BES e Dois Córregos – que está de acordo com o descrito por Tom Miller Jr.

Comparando os Sítios BES e o Dois Córregos com as demais regiões do Estado, nos remetendo ao contexto arqueológico acima descrito, encontramos características em comum com a região do Paranapanema. Os sítios Almeida e Camargo são marcados por indústrias líticas e formas de assentamento semelhantes aos da região central. O Primeiro Sítio, estudado por Águeda Vilhena Vialou em seu doutoramento de 1980, obteve, durante as escavações, uma amostra para o primeiro nível lítico de 3.455 peças, onde predomina o arenito silicificado. É uma indústria basicamente sobre lascas unipolares, com destaque para os utensílios com funcionalidade para raspar. Sua implantação se dá ao ar livre, em colina de pequena elevação e próximo a ribeirão e a data obtida para esse ocupação foi de 3.600 A.P. (VILHENA, 1980). O segundo, estudado por José Luiz de Moraes também em seu doutoramento de 1980, apresenta um

sítio de características similares, com a predominância do arenito silicificado. A data obtida para a ocupação desse sítio foi de 4.560 A.P. (Morais, 1980). Incluímos nesse contexto também, o sítio Brito, também analisado por Águeda V. Vialou (1983), com 7.000 anos.

Os sítios líticos das demais regiões de São Paulo, os mais conhecidos, possuem características distintas. Os complexos onde se encontram Alice Bôer e o Abrigo Sarandi são marcados por indústrias formais, caracterizadas pela presença das pontas de projétil – no Abrigo Sarandi, entretanto, só foi encontrada uma única ponta de projétil, quase o excluindo dessa classificação – e a predominância do Sílex como matéria-prima. O sítio Água Vermelha 3, em Ouroeste, tem um grande diferencial, pois se conservaram ossadas humanas das populações que ocuparam o extremo norte do Estado de São Paulo há 9 mil anos atrás.

Contudo, as características descritas não são para todos os sítios da região. Alguns deles merecem destaque. Como discriminado acima, alguns sítios possuem indústrias líticas formais. São eles: Boracéia II, T- 92 e o sítio lítico Três Rios. Esses se caracterizam pela presença marcante do plano-convexo, e no caso do Três Rios, também a ponta de projétil. Extrapolando um pouco a área de pesquisa, no município de Rincão, temos o sítio lítico homônimo do município, que foi alvo de pesquisa de mestrado de Danilo Galhardo (2010). Este sítio também possui uma indústria lítica formal, marcada pela presença, assim como o sítio Três Rios, de artefatos plano-convexos e pontas de projétil. Para esse diferencial, seriam necessários mais estudos, para que se possa entender sua inserção nesse contexto regional. Assim sendo, percebemos que se torna difícil classificar essas indústrias com o que se conhece sobre tipologia de arqueologia brasileira.

## Caçadores-Coletores no Interior Paulista

A partir do exposto, a intensidade dos grupos caçadores-coletores na área de pesquisa e a sua diversidade de ocupação dos espaços ficam marcadas como características da região. Mas algumas perguntas surgem em consequência disso, tais como: Quando esses grupos se instalaram no local, de onde vieram e por quanto tempo ficaram. Se considerarmos como válidas as datas dos sítios BES III e BES II, 4.500 +- 600 AP. e 14.500 +- 3.000 A.P., respectivamente,

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.



SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos  
do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

temos uma região ocupada por longo período de tempo, mas trata-se de uma informação imprecisa.

Ao analisar os sítios caçadores-coletores datados do Estado de São Paulo, notaremos uma ocupação ainda mais prolongada, havendo registros já do século XX, até 14 mil anos atrás. Considerando as datas seguras, o período regride entre 9 e 11 mil anos atrás, mas, ainda assim em período pleistocênico. Atentando-nos para a dispersão desses sítios mais antigos, percebemos que se espalham por praticamente todo o território paulista. Temos sítios de 9 mil anos no extremo norte de São Paulo e também região nordeste (sítios Água Vermelha 3 e Bela Vista 2 e 3), sítios de 8 mil anos no extremo oeste (sítio Estrela do Norte 1), sítios de 7 mil anos mais ao sul, na região do Paranapanema (sítio Brito); sítios entre 5 mil e no mínimo 11 mil anos na região Centro-leste do Estado (Abrigo Sarandi e Alice Böer), sítios de 6 mil anos no extremo sul (sítio Paraíso) e por fim, sítios entre 4.500 e no mínimo 11.500 anos no centro-oeste (sítios BES III e II). Portanto, mais pesquisas no sentido de entender a rota de chegada desses grupos devem ser realizadas, pois na conjuntura atual, essa questão ainda não pode ser respondida.

Com o panorama que se desenha, também surgem novas questões sobre como viviam essas populações. É sabido, que em geral, caçadores-coletores são caracterizados por baixa densidade demográfica, quer dizer, poucas pessoas, valendo-se da já mencionada média de 25 indivíduos por grupo. Vivem de forma igualitária, não havendo assim, hierarquia ou qualquer distinção de classes, já que todos participam das atividades de obtenção de recursos alimentares. Porém, alguns gozam de mais prestígio, baseados em dotes pessoais, como liderança ou habilidade com a caça, por exemplo, mas não porque haja algum sistema formal de chefia. Os xamãs, ou curandeiros, são especialmente respeitados, sobretudo em épocas de crises de alimento, de guerra ou para identificação e neutralização de feitiços (NEVES e PILÓ, 2008). Por fim, são nômades, possuem alta mobilidade, pois estão em constante busca de alimentos, sendo que não praticam, em teoria, a agricultura.

Entretanto, as informações aqui apresentadas contribuem para as discussões sobre a diversidade que cada vez mais se consagra sobre o modo de vida caçador-coletor. Contrariando esse modelo geral, os três sítios aqui analisados de forma mais detalhada e as informações apresentadas sobre os demais sítios identificados na região de destaque, evidenciam uma situação distinta. O quadro que temos

esboçado aponta para alguns assentamentos densos, indicando um maior número populacional e também um caso de sítio ocupado por longo período de tempo, o que aponta para menor grau de mobilidade. Também temos sítios menos densos, o que mostra, como apresentamos, que podem fazer parte do sistema de assentamento desses outros sítios maiores, ou sítios-base. Completa o quadro, um grande número de ocorrências, que traz destaque para o uso intenso do espaço, onde esses grupos estariam circulando constantemente.

É um cenário diferente do que temos, por exemplo, na região do Alto Taquari, foco de pesquisa de mestrado de Astolfo Araújo, onde o padrão de assentamento mostra vários sítios poucos distantes entre si e pouco densos, onde mais de 80% de seu total possui no máximo vinte peças (1995, p. 64). Esse padrão sim, aponta para o modelo clássico do modo de vida caçador-coletor, pois vários sítios pouco densos indicam alta mobilidade e populações pequenas.

Se lançarmos mão da literatura existente e compararmos as informações com os dados sobre os sítios líticos da região central do Estado de São Paulo, podemos dizer que os grupos humanos que viveram nessa região estariam mais ou menos de acordo com o que se conhece sobre caçadores-coletores das regiões tropicais. De acordo com Lee (1968):

uma sociedade de caçadores-coletores depende, para sua subsistência, muito mais de vegetais, peixes e moluscos do que de carne propriamente dita. A caça apresenta-se com um meio de subsistência predominante apenas no Ártico. Nas regiões subtropicais e tropicais, a coleta domina amplamente sobre a caça como meio de prover a subsistência do grupo (apud CALDARELLI, 1983, p. 297).

Temos como exceção para esse caso os Aché do Paraguai, onde a carne da caça compõe 78% de sua dieta (HILL e HURTADO, 1999 apud OLIVEIRA, 2007). A caça em paisagens tropicais úmidas é muito incerta. Primeiramente pela pouca visibilidade que a floresta permite, mas principalmente pelo fato de que a maioria dos animais caçados nesses ambientes é formada por espécies solitárias ou que andam em pequenos grupos. A carne também estraga muito rapidamente, de maneira que, dois ou três dias depois de um abate, novas incursões de caça têm de ser feitas. “*Entre os Maku da Colômbia, a cada quarenta incursões de caça empreendidas pelos homens, apenas treze obtém sucesso* (NEVES e PILO, 2008, p. 293). Destacando o modo de vida dos Nukak, Wesley Charles de Oliveira ainda comenta que entre eles, as mulheres participam de atividades

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos do Centro-Oeste Paulista*.  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos  
do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

logísticas em longas distâncias, mas, via de regra, elas auxiliam na subsistência do bando coletando frutos próximos a base residencial (2007: 15). “(...) *tendo em vista a importância estratégica dos vegetais coletados, as mulheres (no caso do povo de Luzia) deviam gozar de grande prestígio.*” (NEVES e PILO, 2008, p. 293).

Pensando assim, as mulheres e crianças devem ter tido uma carga de trabalho muito grande, porque eram responsáveis pela coleta de vegetais. Dessa forma, usando o raciocínio de Walter Neves para interpretar o Povo de Luzia, poderíamos supor também que, não é impossível que, pela importância da coleta, os primeiros habitantes dessa região fossem matrilineares, diferente do que se percebe na maioria dos grupos caçadores-coletores, que são patrilineares e patrilocais. E, valendo-se da hipótese desses grupos serem matrilineares, poderia ser possível que fossem também matrilocais.

Havia entre essas populações uma alta mobilidade residencial, onde, dentro de um sistema de sítios-base associados a sítios-satélite, elas estariam periodicamente se mudando, em um sistema sazonal. Ocupando lugares distintos de acordo com as estações climáticas, e assim, quando o ciclo se repetia, da mesma forma os sítios eram reocupados ou não. Considerando essa alta mobilidade, visualizamos aldeias e cabanas pequenas, construídas com material facilmente deteriorável, e os acampamentos temporários, mais precários ainda. Fato distinto poderia ter ocorrido no sítio BES II, mas as pesquisas até agora empreendidas, nada revelaram contra isso. Grande exemplo de alta mobilidade verifica-se entre os Nukak, que segundo Politis, é vista como uma estratégia de adaptação à floresta. Eles modificam o ambiente natural, remanejando a flora e a fauna de um lugar para o outro. Diferente dos outros grupos etnolinguísticos ao qual fazem parte, a sua alta mobilidade faz com que organizem dois sistemas de assentamentos, o residencial e o logístico:

- a) bases residenciais, com uma ocupação entre duas a cinco unidades domésticas, cada uma com sua própria fogueira;
- b) acampamentos logísticos, associados às excursões exploratórias em busca de recursos específicos.

A mobilidade residencial é entendida como a mudança do sítio-residência para outro lugar, observando-se a distância a ser percorrida e a frequência com que a mudança é feita. Entretanto, existem mudanças variáveis de acordo com a sazonalidade (...). A média anual de mudança varia entre 70 e 80 vezes ao ano. A alta mobilidade residencial dos Nukak é uma de suas principais características e uma das mais altas do mundo”.

A mobilidade logística, menos frequente, consiste em excursões de um ou

vários indivíduos fora da base residencial para a execução de atividades específicas, como para obter recursos ou coletar informações (POLITIS, 2001 apud OLIVEIRA, 2007, p. 15).

Esse tipo de mobilidade poderia formar no registro arqueológico algo parecido com o que temos em nosso estudo: alguns sítios mais densos, com atividades mais diversificadas, e outros menos densos, com atividades restritas.

A partir desse sistema de dispersão de sítios, podemos ainda pensar na existência de vários grupos caçadores-coletores que faziam parte de uma comunidade maior, denominada “macrobando”.

A existência do macrobando é essencial para que as trocas conjugais não envolvam indivíduos muito aparentados, evitando-se assim, problemas genéticos derivados da endogamia. Além disso, o macrobando permite a formação de laços formais de apoio e reciprocidade que podem ser essenciais quando um ou outro grupo está passando por períodos de escassez. Permite também fazer alianças para a guerra, diga-se de passagem um comportamento endêmico entre sociedades de bandos e tribais (NEVES e PILÓ, 2008, p. 292).

A abundante oferta de matéria-prima caracterizou, na maior parte da região, sítios com indústrias líticas mais expedientes, não impedindo, entretanto, a existência de sítios com indústrias mais refinadas. Essa variabilidade, só poderá ser melhor compreendida com a realização de mais estudos.

Variada foi a forma de ocupação do espaço. Temos sítios em altas, médias e baixas vertentes; próximos a grandes rios, de nascentes de pequenos cursos d’água e em topos de colina, até mesmo distantes de recursos hídricos.

Considerando os sítios pleistocênicos e de transição, onde o ambiente era distinto – ou não tanto -, as condições em que viviam os “paleoíndios” talvez não fossem tão diferentes das holocênicas. Mesmo com a maior diferença da época, que seria a convivência com a Megafauna, isso não alteraria de forma drástica o modo de vida dos habitantes do interior paulista. Pelo que sabemos, a megafauna devia ser temida e, por isso mesmo evitada. Assim como destaca Neves & Piló:

Jamais caçaram as grandes ‘bestas’ com as quais conviveram por cerca de dois mil anos. Certamente um dos pesadelos mais populares (...) era o de ser atacado por um tigre-dentes-de-sabre. Por temor a esses ataques, podem ter criado essa relação de evitação com a megafauna, tendo concentrado seus esforços na caça de animais pequenos e médios, os mesmo que continuam a existir hoje (2008, p. 305).

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos do Centro-Oeste Paulista*.  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos  
do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

É grande a riqueza de informações e o que temos até então sobre os grupos caçadores-coletores que habitaram o centro-oeste paulista são, todavia, dados iniciais, apontando mais perguntas que respostas. São questões que se levantam, nos provocam e instigam. Dessa forma, tudo o que foi exposto aqui não é conclusivo e somente mostra a necessidade da continuidade das pesquisas, que já prosseguem. A única coisa que se observa com certeza, no entanto, é que há grande diversidade do modo de vida caçador-coletor na área de estudo, fato esse que corrobora com o que afirma Alan Barnard sobre sua justificativa da realização de mais Congressos Internacionais e estudos sobre essas Sociedades. Segundo ele:

enquanto a diversidade nos modos de vida caçador-coletor já se tornou comum no discurso antropológico, e mesmo nos títulos das monografias de antropologia, permanece, entretanto, o reconhecimento de que as sociedades caçadoras-coletoras têm o suficiente em comum para fazer deles uma categoria e continuar as discussões (BARNARD, 2004, p. 4).

## Considerações Finais

Na sociedade capitalista de hoje, raras são as possibilidades otimistas que as pessoas apontam sobre um futuro harmônico da humanidade em sua relação com a natureza e com seus semelhantes. Porém, essa visão se dá por conta do pequeno conhecimento sobre sua própria História. Temos ainda hoje, estudado e dado destaque à trajetória humana na terra somente a partir do surgimento das chamadas grandes “civilizações” e da “revolução agrícola”. Porém, estamos aqui há muito mais tempo. Na conhecida Conferência *Man the Hunter*, realizada em 1966 com o intuito de mostrar a importância da herança que as sociedades caçadoras-coletoras nos deixaram, foi ressaltado que desde o surgimento do “homem cultural” na Terra, aproximadamente há 2 milhões de anos, 99 por cento desse período, ele viveu como caçador-coletor. Apenas nos últimos 10.000 anos que o homem começou a domesticar plantas e animais, a usar metais e aproveitar outras fontes de energia fora o próprio corpo humano. 90 por cento de toda a população que já existiu foi caçadora-coletora, e apenas 6 por cento viveu da agricultura, enquanto que o restante constitui as sociedades industriais. Ou seja, “o modo de vida caçador-coletor tem sido a mais bem sucedida e persistente adaptação que o homem já alcançou” (LEE e DEVORE, 1968, p. 3).

Pensando dessa forma, um leque mais otimista se descortina diante de nós. Queremos entender nossa sociedade, e na região central do Estado de São Paulo o processo não é diferente. Assim, conhecer melhor e aprender mais sobre os habitantes mais antigos do centro-oeste paulista torna-se uma questão tão importante quanto entender a imigração européia nesse estado. Afinal, se o segundo explica grande parte de nossa origem cultural, o primeiro completa essas informações e ainda nos esclarece as questões sobre a ocupação inicial do território que ocupamos. Faz parte, portanto, de nossa memória local, e dessa forma, de nossa própria identidade.

## Agradecimentos

Agradeço a Zanettini Arqueologia e Scientia Consultoria Científica, por terem cedido todos os relatórios e informações que precisei para a realização desse trabalho. Agradeço também a todos os amigos que ajudaram nas etapas de campo e laboratório, ao Museu Municipal de Jaú, Museu Voluntários da Pátria de Araraquara e Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

## Referências

AB'SABER, Aziz Nacib. **Geomorfologia do Sítio Urbano de São Paulo**. São Paulo: Atelier Editorial, 2007.

AFONSO, M.C. **A ocupação pré-histórica na região de Serra Azul e São Simão(SP): Um estudo Geoarqueológico**. Dissertação de mestrado, USP-SP, SP, 1987.

ARARAQUARA. Prefeitura Municipal. **Araraquara: antecedentes históricos**. Prefeitura Municipal de Araraquara: Assessoria de Planejamento, jun, 1975.

ARAÚJO, A. A Arqueologia da Região de Rio Claro: Uma Síntese. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**. São Paulo, v.11, p. 125-140, 2001b.

SANTOS, Fábio Grossi dos. *Os Habitantes Mais Antigos do Centro-Oeste Paulista*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1, p. 25-59, 2009.

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos do Centro-Oeste Paulista*.  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

\_\_\_\_\_. A Variabilidade Cultural no Período Paleoíndio no Brasil (11.000 – 8.000 AP): Algumas Hipóteses. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 28, n. 39, p. 111-130. Jan/Jun, 2004.

BARNARD, Alan. (Edt.) **Hunter-Gatherers in History, Archaeology and Anthropology**. New York: Berg Print of Oxford International Publishers Ltda, 2004.

BORGES, V.P. **O que é História**. 2ª ed. Rev. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CALDARELLI, S.B. **Lições de Pedra. Aspectos da ocupação pré-histórica no médio vale do Rio Tietê**. Tese de doutorado apresentada a FFLCH-USP, São Paulo, 1983.

CALDARELLI, S. B., SANTOS, M. do C.M. A Arqueologia de Contrato no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 52-73, 1999-2000.

CALDARELLI, S. B. A Arqueologia do Interior Paulista Evidenciada por suas Rodovias. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, n.14/15, p.29-56, 2001-2002.

DE BLASIS, P. A.D. **A Ocupação Pré-Colonial do Vale do Ribeira do Iguape, SP: Os Sítios Líticos do Médio Curso**. Dissertação de Mestrado apresentada a FFLCH/USP, 1988.

\_\_\_\_\_. **Relatório Final do Salvamento Arqueológico no traçado do Gasoduto Bolívia-Brasil (GASBOL) no Estado de São Paulo – Trecho Paulínia/Rio Paraná**. MAE/USP, SP, não publicado, 1998.

DE BLASIS, Paulo A. D. **Brasil 50 mil anos – Uma viagem ao passado colonial**. Guia temático para professores. MAE - Universidade de São Paulo, 2001.

DIAS, A.S. **Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: Uma proposta Interpretativa para a Ocupação Pré-Colonial do Alto Vale do Rio Sinos, Rio Grande do Sul**. Tese de doutorado apresentada ao departamento de Geografia da FFLCH-USP, São Paulo, 2003.

FIGUTI, L. **Origens e expansão das sociedades indígenas**. Guia temático para professores. MAE – Universidade de São Paulo, 2001.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Arqueologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FUNARI, Pedro Paulo A., CARVALHO, Aline V. **Palmares ontem e hoje**. Descobrimo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

GALHARDO, D. **Tecnologia lítica: estudo da variabilidade em sítios líticos do nordeste do estado de São Paulo**. Dissertação apresentada ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2010.

GUIDON, N. **Povoamento das Américas**. A Arqueologia – Parque Nacional Serra da Capivara. Fumdam, 2005.

HILL, K.; HURTADO, A.M. The Aché of Paraguay. In: LEE, Richard B.; DALY, Richard. (ed.) **The Cambridge encyclopedia of hunters and gatherers**. New York: Cambridge University Press, 2001.

HOBSBAWM, Erik. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

IHERING, H. von. Os Guaianãs e Caingangues de São Paulo. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, v. 6, p. 23-44, 1904.

LANATA, J.L. e BORRERO, L.A. The Archaeology of Hunter-gatherers in South America. Recent History and new Directions. In: POLITIS, G.G. & ALBERTI, B. **Archaeology in Latin America**. London: Routledge, p. 76-89, 1999.

LARAIA, R.B. **Cultura: Um conceito Antropológico**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

LEE, R. e DEVORE, I. **Man the Hunter**. Chicago: Aldine, 1968.

LEMO, Alberto. **História de Araraquara**. Edição do Museu Histórico e Pedagógico “Voluntários da Pátria” e Prefeitura Municipal de Araraquara. São Paulo: Typografia Fonseca, s.d.

SANTOS, Fábio Grossi dos. *Os Habitantes Mais Antigos do Centro-Oeste Paulista*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1, p. 25-59, 2009.



SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos  
do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

MANO, M. Os Campos de Aracoara: um ensaio de perspectiva Etnohistórica. **Revista Uniara**, Araraquara, v. 3, p. 13-37, 1998.

MARANCA, S. **Relatório das atividades do 4 e 5 anos do PRONAPA no Estado de São Paulo.** PRONAPA 5. Publicações Avulsas 26:117-126, MPEG, PA, 1974.

MARANCA, S., SILVA, A. L. M. e SCABELLO, A. M. P. Projeto Oeste Paulista de Arqueologia do Baixo e Médio Vale do rio Tietê: síntese dos trabalhos realizados. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 4, p. 223-226, 1994.

MICHELUTTI, Pedro. **Geocologia do Segmento Oriental dos Campos de Araraquara – Tentativa de Compartimentação.** Não publicado, 2010.

MILLER, T.O. Jr. **Duas fases paleoindígenas da bacia do Rio Claro, São Paulo: um estudo em metodologia.** Tese de Doutorado, FFLCH-Rio Claro, 1968.

\_\_\_\_\_. Pré-história da região de Rio Claro, São Paulo; Tradições em divergência. **Cadernos Rio Clarenses de Ciências Humanas**, Rio Claro, v. 1, p. 22-52, 1969.

\_\_\_\_\_. Arqueologia da Região Central do Estado de S.P. **Dédalo**, São Paulo, v. 16, ano VIII, p. 13-118, 1972.

MORAIS, J.L. Estudo do Sítio Camargo 2 – Piraju/SP: ensaio tecnotipológico de sua indústria lítica. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, Nova Série, v. 33, p. 41-128, 1988.

\_\_\_\_\_. Arqueologia de Salvamento no Estado de São Paulo. **Dédalo**, São Paulo, MAE/USP, v. 28, p. 195-205, 1990.

\_\_\_\_\_. **Perspectivas Geoambientais da Arqueologia do Parapanema Paulista.** Tese de livre-docência apresentada ao MAE-USP, São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. Arqueologia da Região Sudeste. **Revista USP**, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 194-217, 1999-2000.

OLIVEIRA, W.C. **Caçadores Coletores na Amazônia: Eles existem.** Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2007.

PALANCA, R. T. S., KOFFLER, N. F. **Avaliação agrícola das terras da Bacia do rio Jaú (SP) através das técnicas de geoprocessamento.** Fundação Educacional “Dr. Raul Bauab”. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFIJA) Jaú, 1996.

PALLESTRINI, L. Cerâmica há 1.500 anos, Mogi-Guaçu, Estado de São Paulo. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. 28, p. 115-129, 1981/2.

\_\_\_\_\_. O cenário de Sete mil anos. **Ciência Hoje**, São Paulo, v. 4, n.19, p. 34-39, Jul/Ago, 1985.

POLEZZE, G.. Em Araraquara, descobertas mais duas urnas mortuárias indígenas. **Folha de São Paulo**, abril, 1972.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira.** Brasília: Ed. UnB, 1992.

ROBRAHN-GONZÁLES, E. & ZANETINI, P. **Programa de levantamento e resgate arqueológico - Fábrica da EMBRAER,** Documento, SP, não publicado, 2001.

RODRIGUES, R., SCHIAVETTO, S.N.O. **Programa de Avaliação Arqueológica – Área de Implantação do Cultivo de Cana-de-Açúcar, Usina Zanin, Região de Araraquara, Estado de São Paulo.** Relatório Final, não publicado, 2007.

SCABELLO, A. L. M. **Estudo das Populações de caçadores-coletores do Médio Curso do Rio Tietê: o estudo de caso do Sítio Três Rios, Município de Dois Córregos, SP.** Tese de Mestrado apresentada a FFLCH-USP, São Paulo, 1997.

SCATAMACCHIA, Maria C.M. Arqueologia e etno-história: cronistas do século XVI. **Dédalo**, São Paulo, n. 1, p. 135-139, 1989.

SCHADEN, Egon. Os primitivos habitantes do território paulista. **Revista de História**, São Paulo, n. 18, p. 385-406, 1954.

SANTOS, Fábio Grossi dos. *Os Habitantes Mais Antigos do Centro-Oeste Paulista.* Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1, p. 25-59, 2009.

SANTOS, Fábio Grossi dos.  
*Os Habitantes Mais Antigos  
do Centro-Oeste Paulista.*  
Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1,  
p. 25-59, 2009.

SCHIAVETTO, S.N.O. Levantamento Arqueológico no Médio Mogi-Guaçu e Médio Jacaré-Guaçu/SP: um primeiro olhar sobre os sítios cerâmicos. **Anais do XIII Congresso da SAB: arqueologia, patrimônio e turismo.** Campo Grande: Ed. Oeste, 2005.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia Regional e Educação: Proposta de Estudos Sobre um “Passado Excluído” de Araraquara/SP.** Tese de Doutorado apresentada ao IFCH da Unicamp/SP, 2007.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA. **Projeto de Prospecção Arqueológica na Área de Intervenção da LT 525kw Londrina (PR) / Araraquara (SP).** Relatório Final. SP. Scientia, não publicado, 2004.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Levantamento Arqueológico Intensivo na Faixa de Domínio na Rodovia Engenheiro Paulo Nilo Romano (SP-225).** Trecho Itirapina-Jaú, São Paulo, a e b. Scientia, não publicado, 2004a.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Levantamento Arqueológico Intensivo na Faixa de Domínio na Rodovia Engenheiro Paulo Nilo Romano (SP-225).** Trecho Itirapina-Jaú, São Paulo. Scientia, não publicado, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Resgate do Sítio Arqueológico Dois Córregos, Município de Dois Córregos, SP.** Relatório Final, não publicado, 2005.

\_\_\_\_\_. **Projeto salvamento arqueológico na área de modernização da pequena central hidrelétrica Gavião Peixoto, município de Gavião Peixoto, SP.** São Paulo. Scientia, não publicado, 2006.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Prospecção Arqueológica para LT 138 Kv Bariri – Barra Bonita, Boracéia, Bariri, Itapuú, Jaú, Barra Bonita e Igarapu do Tietê (SP).** Arcadis Tetraplan/CTEEP, não publicado, 2008.

SILVA, F. A. Arqueologia pré-histórica da região de Rio Claro. In: **Pré-História Brasileira.** São Paulo, IPH-USP, 1968.

SOUZA, A. M., CREMONESI, F. L. **Jaú – Imagens de um Rio!** Copiadora “Luiz de Queiroz”. Piracicaba, 2003.

TEIXEIRA, S. **Jahu em 1900.** Correio do Jahu, Jahu, 1900.

